

Andanças (entre) lugares:

**10 notas de pesquisa sobre a
Amazônia Paraense**

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS ENTRE CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NA AMAZÔNIA

Katia Barros Santos¹

Luis Junior Costa Saraiva²

Marileide Moraes Alves³

APRESENTAÇÃO

O presente Laboratório Social apresenta uma reflexão sobre o ponto de vista da ciência, da tecnologia, da ética e da democracia num contexto de construção de saberes socioculturais. Tendo em vista que a Amazônia é palco de interesse, por estar no espaço de relação e tensão, entre as questões que formulam os debates das políticas socioeconômicas, que regem o cenário nacional e mundial contemporâneo. Assim, dentro desse extenso território, recorro a reflexão para a experiência em laboratório social nas duas comunidades “Vila do Treme e Vila do Castelo” que fazem parte da RESEX⁴ – Caeté Taperaçu, em Bragança-PA, visando relacionar

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA, pela Universidade Federal do Pará – UFPA em Bragança. E-mail: katiabarrosatm@gmail.com

² Doutor em Antropologia Social, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA, pela Universidade Federal do Pará – UFPA em Bragança. E-mail: luissaraiva@gmail.com

³ Doutora em Engenharia Química (UFPE). É docente no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: malves@ufpa.br

⁴ É marcante na Vila um processo de ocupação desordenado, que está sendo freado por três políticas públicas que se desenvolvem na pesca – Reserva Extrativista Marinha do Brasil (RESEX), O Projeto Demonstrativo (PD/A) e Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FAO). Citado por Cardoso (2015).

práticas e vivências aos repertórios/conhecimentos destas comunidades tradicionais, implicados nos saberes das realidades sociais e na interação dos sujeitos no contexto Amazônico.

A compreensão dos saberes locais é ampliada através da analogia com o campo de pesquisa Educação Escolar Indígena na Aldeia *Kujubim*, em Altamira – PA. Por entender que a educação indigenista faz parte desse contexto amazônico e tem muitos desafios a superar, parto do viés das interações socioculturais no processo do saber, assumindo a discussão sobre saberes tradicionais e os embates com a dinâmica de estudos normatizados aos povos indígenas, em específico com o povo Xipaya⁵ na Terra Indígena Cachoeira Seca, comunidade *Kujubim*.

Pensar essas possibilidades de estudo na Amazônia requer compreender como os sujeitos interagem entre si e em seu contexto social, por experiências consolidadas a partir da oralidade repassadas de geração a geração, pela construção histórica e cultural desses povos que lhes proporcionam práticas diversas de representações em seu grupo social.

Ao longo deste texto busca-se dialogar com os autores Ingold (2012), Latour (2004), Dagnino (2014) e Feenberg (2015), concepções de ciência, tecnologia, ética e democracia, contextualizando a diversidade dos sujeitos nesse território amazônico para conhecer e reconhecer saberes, culturas e tradições. O laboratório social⁶ possibilitou a apresentação de algumas impressões deste contexto local, referente às comunidades “Vila do Treme e Vila do Castelo”,

⁵ Quem são? O povo Xipaya estão tentando (re)apropriar de sua língua, pois a perderam ao longo da história. E fazem parte de três aldeias Tukamã, *Kujubim* e Tukaya. Registro de informação retirado do “Projeto Educação Escolar Indígena na região do Médio Xingu: políticas linguísticas na prática docente nas “Aldeias” Tukamã e *Kujubim*”, pela Universidade Federal do Pará, coordenado pelo professor Msc. Nelivaldo Cardoso Santana.

⁶ Vivenciado na Disciplina Seminário Interdisciplinar, ministrada pelos professores Dr. Luis Junior Costa Saraiva e Dra. Marileide Moraes Alves – Campus de Bragança-PA, possibilitou a interação com a realidade dessas comunidades amazônicas.

contrapondo e relacionando com o ambiente etnoeducacional da comunidade indígena *Kujubim*.

1. REFLEXÕES SOBRE CONSTRUÇÃO E PRODUÇÃO DE SABERES NA AMAZÔNIA

A ciência e a tecnologia na Amazônia se apresentam de forma estruturante e operam-se em suas complexidades e peculiaridades, ao mesmo tempo há processos contraditórios, a citar as comunidades que exercem atividades de base familiar tradicional, associada ao bem estar social envolvidas com tecnologias simples, dividem espaços com os processos de produção capitalistas associadas às tecnologias mais complexas, como os grandes empreendimentos que são desenvolvidos em toda a Amazônia. Os ideais de desenvolvimento na Amazônia tem uma lógica prioritariamente econômica e capitalista, que em muitos dos contextos vem precarizar, excluir e invisibilizar as populações tradicionais em suas condições sociais e ambientais.

Para Feenberg (2015, p. 01) “A ciência e a tecnologia partem do mesmo tipo de pensamento racional baseado na observação empírica e no conhecimento da causalidade natural, porém a tecnologia não está preocupada com a verdade, mas sim com a utilidade”. Observa-se a predominância de um modelo fortemente baseados numa tecnologia voltada para o determinismo controlador. Em contrapartida a ciência, nas palavras do autor, “busca o saber” com a participação social, que dialogue com os atores locais em perspectivas dos conhecimentos internalizados, a partir do contato com a natureza.

Há, contudo, desafios a serem quebrados nessas relações de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, dentro das perspectivas teórica e metodológica, para então resgatar de fato o sentido real de “saber fazer” coletivamente, principalmente quando nos referimos a sujeitos que exercem relação direta com a natureza. E Dagnino (2014) traz proposições sobre a tecnologia

social, que parte da construção como ferramenta indispensável para a constituição de uma sociedade justa, igualitária e ambientalmente sustentável, diferentemente das concepções de neutralidade da ciência e do determinismo tecnológico apreciadas pela lógica da tecnologia convencional.

Dentro do contexto amazônico, recortado a partir da experiência nas comunidades “Vila do Castelo e Vila do Treme” em alguns momentos pode-se afirmar que a tecnologia social aparece como inclusiva, a exemplo de incentivos e instrumentos que ajudam a desenvolver trabalhos, a partir das construções coletivas. A exemplo disso, observa-se as cooperativas das comunidades, a construção da fábrica para a cata de caranguejo, o exercício de pensar possibilidades de descarte da casca do caranguejo, o empenho de respeitar o período de defeso⁷ do caranguejo, seja por meio de lei ou pelo caráter mitológico com a narrativa “Ataíde⁸”.

Outra atividade coletiva a se destacar é a produção de artesanato com a pele e a escama de peixe na “Vila do Castelo”, através de uma técnica que permite o curtimento da pele, por intermédio da Universidade Federal do Pará, com o apoio da Associação dos Ruralistas e pela Secretaria de Pesca local, que dão incentivo ao processo de tingimento das escamas, ensinando ainda a confecção de algumas peças artesanais, as ecobijus.⁹

Em contrapartida, a tecnologia convencional é apresentada como excludente, exemplo disso são os grandes empreendimentos colocados na Amazônia (Hidrelétricas: Belo Monte no rio Xingu, Tucuruí no rio Tocantins, Jirau e Santo Antônio no rio Madeira, entre outras), pode-se mencionar que os povos de todas essas regiões tiveram grandes impactos socioambientais irreversíveis,

⁷ Período de defeso é a medida de proteção da espécie durante seu período de reprodução.

⁸ Figura mítica assustadora e protetora dos manguezais amazônicos. Mencionado na dissertação de Cardoso (2015, p. 119).

⁹ São peças artesanais feitas a partir das escamas e pele de peixe, que são confeccionadas por algumas mulheres da comunidade.

mais especificamente no Médio Xingu, o complexo hidrelétrico abre margem ao mercado externo, visando o lucro e a exploração futura do potencial mineral, madeireiro e hídrico, sem ao menos visibilizar e respeitar os povos que residem nesta região.

No seio desses embates que acontecem em toda a Amazônia, podemos evidenciar algumas reflexões a partir das teorias do antropólogo e filósofo francês, Bruno Latour, que abre o texto de “Políticas da Natureza, como fazer ciência na democracia” com questionamentos e críticas ao modelo da Constituição Moderna.

Com efeito, ela não faz, na maioria das vezes, senão retomar, sem modificar uma linha, a Constituição moderna de uma política bifocal, da qual uma se chama política e a outra, sob o nome de natureza, torna impotente a primeira. Estas retomadas, estes *remakes*, tornam-se até divertidos, quando se pretende passar do antropocentrismo dos modernos - dito por vezes “cartesiano”(LATOUR, 2004, p. 40).

Sua crítica está no modelo rígido e cartesiano de pensar natureza e sociedade, apontando a necessidade de romper radicalmente com o paradigma atual da política e traçar novos caminhos, como no “mito da caverna” – libertar-se das influências de nossa cultura para enxergar e conhecer outras realidades, na alegoria de Platão o não sair da caverna significa estar aprisionados em nós mesmos e acreditar como verdadeiro somente aquilo construído dentro do espaço egocêntrico, ao passo que sair da caverna permite ser moldado por novos saberes e experiências.

Latour (2004, p. 40) afirma a partir dessa metáfora, a possibilidade de “escolher, na ecologia política, o que é tradicional e o que é novo, o que prolonga a baixa política epistemológica e o que inventa a epistemologia política do futuro”. É compreender os processos e teorias com base na filosofia e em outras ciências, para então, fazer desdobramentos efetivos congregando as muitas vozes dos que vivem uma relação mútua com a natureza.

Na perspectiva de Tim Ingold (2012), sobre os objetos e coisas¹⁰, caminha por dimensões imperceptíveis, pois a natureza está repleta de significados. Considerando o campo de estudo – comunidades tradicionais na Amazônia, que um pesquisador se propõe a desenvolver, requer a observação de todos os movimentos dos sujeitos, suas relações e experiências com a natureza. Até mesmo, simples atitudes dos integrantes da comunidade podem evidenciar elementos importantes para mostrar a realidade local e/ou como produzem e reproduzem seus saberes diante das muitas rotinas de trabalho envolvidas nas representações e práticas de diversas modalidades culturais na Amazônia.

O antropólogo ainda faz referência a teoria do ator-rede, sobretudo, voltado ao estudo sociológico da tecnologia e ciência, no qual há um movimento pensado nas relações e interações entre os atores sociais, que conectam-se como num emaranhado de teias ligados com outras informações à medida que operam outros elementos significativos “[...] conduzem sua percepção e ação no mundo” (INGOLD, 2012, p. 16).

Segundo Dagnino (2014) parte de grandes centros tecnológicos, na atualidade, utilizam ética, ciência e tecnologia, com base em concepções arraigadas no capitalismo vislumbrando a produção em grande escala, desvirtuando o conhecimento científico e tecnológico, invertendo a necessidade de implantação de políticas promotoras de um desenvolvimento alternativo para o povo e “com” o povo e deixando de contribuir na melhoria das condições de vida econômica e social. Em resposta a esse contexto, o autor afirma que:

¹⁰ Para Ingold (2012, p. 29) o objeto coloca-se diante de nós como um fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas. [...] a coisa por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião.

[...] através de métodos que, ao serem aplicados à natureza, assegurariam à ciência atributos de verdade e à tecnologia, de eficiência. Dado que pode atuar sob qualquer perspectiva de valor, o que garante o seu uso “para o bem” é algo estranho ao mundo do conhecimento científico-tecnológico e dos que o produzem: a “Ética”. Só se esta não for respeitada pela sociedade, esse conhecimento poderá ter implicações indesejáveis (DAGNINO 2014, p. 103).

Evidentemente que essas proposições são de pesquisadores e cientistas que querem transformar a ciência e tecnologia para cidadania. Na busca de melhorar a vida das pessoas que vivem à margem da sociedade, de comunidades sem acesso aos mínimos direitos previstos na Constituição Federal do Brasil, apresenta-se a tecnociência, de acordo com Renato Dagnino (2014) deveria ser baseada em alguns “princípios éticos de tipo moral, social, ambiental, étnico, de gênero, reconhecido como positivo”, assim podendo ser “esse conjunto de valores o que asseguraria que a utilização do conhecimento ocorresse de modo com eles coerente, de um modo ético” (DAGNINO, 2014, p. 103).

Com os múltiplos contextos e atividades culturais na Amazônia, é notório compreender as construções e produções de saberes perpassando dimensões sócio históricas, e propor estudos que abordem todas as representações e relações entre a natureza, o tempo, o espaço social, individual e coletivo dos povos que constituem a Amazônia.

2. CONTEXTO E DESCRIÇÃO DAS COMUNIDADES VILA DO TREME, VILA DO CASTELO E ALDEIA KUJUBIM

Numa descrição bem sucinta, as duas vilas visitadas em Bragança “Vila do Treme e Vila do Castelo” apresentam contextos bem significativos de comunidades tradicionais, com economia voltada para a subsistência e o uso de trabalhos artesanais. Segundo Nascimento (2005) a cidade de Bragança localizada no Nordeste do Estado do Pará, é uma região que apresenta polo pesqueiro muito diversificado, principalmente por estar próxima

ao oceano Atlântico, os que vivem deste mercado de peixe e de outras espécies naturais, exercem uma economia local expressiva e se utilizam tanto da pesca artesanal como da pesca industrial.

A “Vila do Castelo” apresenta uma produção econômica em larga escala – muitas embarcações saem para alto mar e passam semanas e até meses pescando, utilizam métodos e utensílios de captura como a pesca de curral “arrastão”, espinhéis e malhadeiras. Esses pescadores trabalham para um “patrão” que são donos dos barcos ou “atravessadores”, que negociam outras espécies menos rentáveis para a região e depois exportam com preços bem acima do mercado local. A pesca dos peixes mais valorizados, como a pescada amarela, na maioria das vezes é levada para a capital do Estado, Belém ou ainda são exportadas internacionalmente.

A “Vila do Treme”, tem áreas litorâneas e de manguezais, com intuito de preservação desses espaços criou-se a RESEX. A Vila localiza-se no meio rural, a 18 km da sede do município de Bragança, Estado do Pará. Os moradores desta vila tem práticas de extração e cata de caranguejo e faz uso da pesca artesanal, que às vezes são vendidas ali mesmo no porto ou por meio dos “atravessadores”.

Com o uso de pequenas embarcações e canoas para pesca, garantem o sustento da família, trabalham também na extração e cata de caranguejo. As mulheres ajudam na cata da carne (massa) do caranguejo que é feita na fábrica instalada na vila, na visita observa-se que ainda há algumas mulheres fazendo o beneficiamento em suas casas, ganhando um valor inferior ao valor que a fábrica paga por quilo de massa de caranguejo. Quando estão no período de defeso, os moradores fazem outras tarefas, como a extração de madeira para construir cercas na comunidade.

Nota-se em cada comunidade características próprias de trabalho, de uso de recursos ligados ao modo de produção e de vida, são potencialidades distintas e exclusivas de cada ambiente, extremamente complexos. O tempo/espço nestas comunidade são diferentes, pois os sujeitos tradicionais associam suas rotinas à

natureza, executam as tarefas de trabalho de acordo com as mudanças naturais e aprendem isso com as vivências e experiências estabelecidas nesses espaços. Para Tim Ingold (2012) quando sugere a separação de objetos a coisas, propõe assim, uma maneira de como vemos o que está posto à nossa volta, somente entendendo outras possibilidades diferentes de nossa cultura/concepção pode-se em um mesmo contexto agregar novos significados.

As populações tradicionais também passam por problemas no cotidiano nessas comunidades – divergências entre os pescadores a partir das associações; interferências externas do poder público, que neste caso são colocados padrões específicos para se manter uma associação; concentração do poder; corrupção, entre outros fatores. Nas palavras de Feenberg (2015, p. 8) “os valores tradicionais não podem sobreviver ao desafio da tecnologia”, diz isso para evidenciar o papel imperialista e determinista que a tecnologia sobrepõe aos seres humanos tornando-se apenas peças de uma máquina, e aponta “um mundo no qual a individualidade humana foi completamente suprimida” (FEENBERG, 2015, p. 8).

Em consonância ao recorte feito no início desta experiência, pontuo algumas reflexões acerca do campo de pesquisa que pretendo desenvolver no decorrer do mestrado, que é na Terra Indígena Cachoeira Seca, Aldeia *Kujubim*, localizada na região do Médio Xingu, no município de Altamira. Nesse contexto, o estudo *in locus* permitirá analisar a importância das interações e saberes tradicionais no ambiente etnoeducacional, além de falar sobre o povo Xipaya, sua história e sua memória.

O processo de transformação e construção do conhecimento requer um intercâmbio entre indivíduos, diretamente inseridos na produção e conservação de saberes por meio de tradições, de comportamentos e de trabalhos “emaranhados de linhas [...] as trajetórias desses diversos elementos são enfeixadas em combinações diversas” (Ingold, 2012, p. 39). Atribui-se nessa

dinâmica componentes sociais e culturais para o desenvolvimento dos saberes no cotidiano dos indígenas aldeados neste espaço.

O povo da Aldeia *Kujubim*, Xipaya se constituíram enquanto grupo, com seu modo de vida e práticas peculiares, além de terem uma socialização coletiva. No que tange a educação, produzem sistemas próprios, em espaços de reciprocidade uns com os outros, tanto em ambientes de convivência, como em espaços etnoeducacionais, em consonância com a intervenção institucional da Secretaria Municipal de Educação de Altamira – SEMED, da Secretaria de Estado de Educação do Pará – SEDUC, e da Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Proposições serão consideradas, como o papel dos sujeitos no contexto etnoeducacional, partindo da inter-relação entre índios e não-índios, como a educação escolar indígena atende as representações socioculturais dentro do processo de conhecimento na perspectiva intercultural, em evidência o grupo étnico Xipaya, a partir das transformações sociais, culturais e institucionais.

O caminhar nesse contexto amazônico parte da complexidade da política educacional indígena, estreitando relações profundas entre memória e saberes tradicionais de um povo. A história dos Xipaya (PPP, 2015)¹¹, passa por momentos de deslocamentos nas suas mais diversas formas, seja migração voluntária ou forçada, refúgio, contato com outras culturas. Tudo isso evidencia um espaço de constantes mudanças simbólicas de construção e reconstrução intercultural que acontece na Amazônia, espaço extremamente vivo e dinâmico de cultura e memória.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste “Laboratório Social: ciência, tecnologia e ética”, pode-se fazer uma reflexão sobre a ideia de como inserir-se no campo de pesquisa, a partir da experiência *in locus*, nas comunidades

¹¹ PPP. Projeto Político Pedagógico da Escola do povo Xipaya: Terra Indígena Xipaya e Aldeia *Kujubim*. Altamira, PA, 2015.

descritas acima “Vila de Treme e Vila do Castelo”. Servindo de base para esta vivência, requereu antes entender como os teóricos abordam essas esferas: ciência, tecnologia, ética e democracia no âmbito bibliográfico. Assim, a reflexão ampliou-se para caminhar por outros contextos amazônicos, refletindo todo um conjunto de saberes internalizados, repassados e/ou apreendidos nas trajetórias de vida dos povos que residem nos espaços observados, como suas relações de tensões entre saber tradicional e o conhecimento sistematizado diante das esferas que os impõe referenciais hegemônicos.

As ações feitas a partir desta experiência e coleta de dados seguiu-se de forma bem livre, ou seja, realizou-se uma visita nas comunidades, observação do espaço, entrevistas/conversas abertas com as lideranças e com alguns moradores das vilas “Treme e Castelo”. E observou-se as práticas tradicionais exercidas com a pesca artesanal, o uso do manguezal como fonte de renda econômica, social e ecológica para os moradores locais, com o artesanato usando tecnologias e suporte da universidade. A rotina dos moradores das duas comunidades vão sendo conciliadas com o movimento da natureza, vivem em torno dos costumes e saberes que lhe são repassados de pais para filhos. Embates são constantes, pois há divergências entre líderes, associação, moradores, pesquisadores, instituições, igreja, atravessadores e empresas que estão de alguma forma inseridos nesses espaços.

A importância de participar desta visita *in locus*, condicionou um olhar mais apurado para pensar a pesquisa de campo na comunidade indígena *Kujubim* no Médio Xingu. Como metodologia propõe-se investigar os embates da educação escolar indígena e os saberes tradicionais sob as perspectivas das interações socioculturais no processo de construção e produção do saber na terra indígena *Kujubim*, à luz de Clifford Geertz (2008) que concebe a ação humana como uma atividade estruturante (simbólica), a partir das ações e manifestações podem ser interpretadas por diferentes olhares e que todo comportamento é

uma ação simbólica. Assim, o contexto etnoeducacional da comunidade indígena *Kujubim* será propício para a compreender como os saberes tradicionais são evocados nos eventos de aprendizagem e como são compartilhados dentro da esfera da educação escolar indígena.

A coleta de dados, parte do uso do diário de campo (Geertz, 2008), no qual serão feitos registros da rotina da comunidade, participação dessas rotinas (reuniões, momentos culturais), também fará uso de roteiros abertos (entrevistas/conversas) “com” os mais velhos, professores, coordenadores, alunos, enfim, os envolvidos no espaço etnoeducacional, no intuito de captar informações pertinentes à educação escolar indígena na comunidade *Kujubim*.

Sob o olhar de Clifford Geertz, a pesquisa etnográfica envereda na compreensão da vivência cultural e defende o estudo da cultura através do conhecimento científico, disposto numa imponente complexidade carente de sistematização. Entretanto, a grandiosa discrepância de costumes, tradições, espaço e tempo não delinea a condição humana, antes pontua superficialidades que destoam à essência do homem, imutável e genérico do ser humano. Para o antropólogo, a humanidade em sua natureza cultural, tende a ser compreendida a partir do “dualismo entre os aspectos da cultura empiricamente universais enraizados em realidades subculturais e os aspectos empiricamente variáveis, não tão enraizados, pode ser estabelecido e sustentado” (GEERTZ, 2008, p. 29).

E compreender todas as práticas culturais requer que se dose a apreciação do contexto, de forma a não deixar escapar as condições peculiares, mas agir à luz do conhecimento para evitar a sobreposição das particulares frente à essência humana. Sem que se faça julgamentos eurocêntricos acerca dos costumes e vivências, para então compreender os saberes produzidos na comunidade. Abordagens técnicas norteiam a pesquisa, por meio de levantamento de dados sobre o tema, aprofundamento

bibliográfico da área e observação como fonte de captura da realidade social. Contará também com um levantamento documental da escola por meio do currículo escolar indígena e o PPP da etnia Xipaya.

A Aldeia *Kujubim*, localiza-se à cento e oitenta quilômetros da cidade de Altamira, acesso por água ou estrada. A comunidade conta com uma população de quarenta e seis pessoas, um total de nove famílias. Neste cenário busca-se valorizar a experiência, a observação e os dados para visibilizar a trajetória histórica do povo Xipaya, cultura, práticas sociais, saberes tradicionais, processos educacionais formais tidos na comunidade, no ambiente familiar e comunitário. Essas discussões partem dos subsídios técnicos, teóricos e principalmente da participação no campo de pesquisa acerca da educação escolar indígena, cultura, saberes tradicionais e memória.

CONSIDERAÇÕES NEM TÃO FINAIS

As reflexões até aqui compartilhadas, ao longo do texto, abriram um espaço para entender as relações de conhecimentos e saberes no contexto amazônico, visibilizando a complexidade e particularidades inerentes a territorialidade na Amazônia, com múltiplos modos de vida, contextos e espaços dinâmicos, envolvidos pelo movimento da natureza e organizações baseadas na coletividade, na sociabilidade, nas relações de parentesco, nas formas de produção de trabalho e saberes, contudo, com embates, contradições e dilemas a serem superados.

A descrição sucinta da experiência de laboratório social nas comunidades “Vila do Treme e Vila do Castelo” em Bragança-PA, permitiu conhecer outros contextos, as dinâmicas do lugar, do tempo, do espaço, do trabalho, dos processos de produção e construção do conhecimento, passado de geração a geração, constituem-se como povos tradicionais por exercerem e apresentarem características culturais, como a rotina da pesca

artesanal, da extração de caranguejo, a transmissão de saberes pela oralidade e o uso de narrativas míticas. Entender e enxergar outros horizontes, neste emaranhado de teias, na percepção das “coisas”, possibilita estabelecer uma melhor relação com as questões de interação e produção do saber na pesquisa de campo na comunidade Indígena *Kujubim* em Altamira-PA.

Adentrar esses espaços requer “ser convidado para a reunião”, respeitar os modos de pensar desses sujeitos, pesquisar “com” os sujeitos, reconhecer que seu tempo/espço são adaptados pelo movimento dos rios, das florestas e dos costumes locais. Dentro de todos os aspectos do texto, torna-se um aprendizado e uma grande satisfação o ato de visibilizar esses povos, por terem uma história rica em cultura e tradições. Conhecimentos não encerrados, contudo, representativos e significantes presentes nas comunidades amazônicas, com potencialidades virtuosas de conceitos éticos, científicos e tecnológicos para o bem da democracia brasileira, destacados na coletividade dos grupos, implementando cidadania e dignidade à sociedade.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Roseli da Silva. **Os saberes da gente do mar: O imaginário e as experiências de vida dos pescadores da Vila do Treme, Bragança (PA).** Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará - PPLSA, Campus Universitário de Bragança, 2015.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas.** Campina Grande, PB: EDUEPB, Florianópolis, SC: Editora Insular, 2014.

FEENBERG, Andrew. **O que é Filosofia da Tecnologia?** Tradução de Agustín Apaza, com revisão de Newton Ramos-de-Oliveira. Revisão substancial feita em junho de 2015 por Franco Nero

Antunes Soares para fins didáticos. O texto original em língua inglesa pode ser encontrado em: <http://www-rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/komaba.htm>

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. 13 reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Tradução Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NASCIMENTO, Flávia Maria Costa. **Capital social e associativismo de pescadores do município de Bragança-PA**. Departamento de Sociologia, UFPa, PIBIC/UFPa, 2005. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/rcientifica/artigos_cientificos/ed_08/pdf/flavia_nascimento.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2018.